

MAPA DA FOME

Brasil ainda tem 8,4 milhões de famintos, apesar de melhora nos indicadores, aponta ONU



O relatório anual da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre acesso a alimentos mostrou uma redução da quantidade de pessoas famintas no Brasil em 2023. Segundo o documento, publicado ontem por cinco agências da entidade, com a FAO (alimentação e agricultura) à frente, 8,4 milhões de brasileiros passaram fome entre 2021 e 2023, ou 3,9% da população, menos do que os 9 milhões (4,2%) de 2020 a 2022, quando o país ainda amargava os efeitos da pandemia de Covid-19.

Esses dados se referem às pessoas na condição de subnutrição — caracterizada, na metodologia do estudo, quando um indivíduo não consome, na média diária, a dieta energética suficiente para manter uma vida saudável.

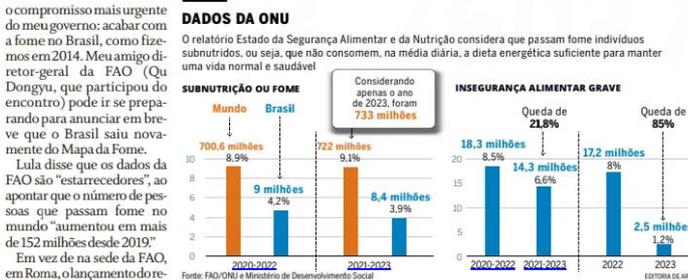
O documento aponta ainda que, no triênio de 2021 a 2023, 14,3 milhões de brasileiros, ou 6,6% da população, sofreram com insegurança alimentar grave, contra 18,3 milhões (8,5%) de 2020 a 2022. Segurança alimentar grave é quando a pessoa fica sem comida por um ou mais dias (leia mais na página 18).

A melhora dos indicadores no país já havia aparecido em outros estudos do IBGE — com metodologias diferentes —, mas não bastou para tirar o Brasil do Mapa da Fome da ONU. A entidade coloca no mapa os países onde mais de 2,5% da população estão na condição de subnutrição.

— Ainda temos mais de 8 milhões de brasileiras e brasileiros nessa situação. Este é



Flagelo global. "A fome não é uma coisa natural. Ela existe por decisão política", disse o presidente Lula sobre o relatório da FAO, em evento do G20 no Rio



'OLHEM OS POBRES'
O Brasil havia saído do Mapa da Fome, mas retornou após a pandemia. Em discurso ontem em encontro ministerial do G20, o grupo das maiores economias do mundo, mais a União Europeia e a União Africana, no Rio, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva prometeu que o país sairá do Mapa da Fome da ONU até 2026, último ano de seu governo: — Ainda temos mais de 8 milhões de brasileiras e brasileiros nessa situação. Este é

o compromisso mais urgente do meu governo: acabar com a fome no Brasil, como fizemos em 2014. Meu amigo diretor-geral da FAO (Qu Dongyu, que participou do encontro) pode ir se preparando para anunciar em breve que o Brasil saiu novamente do Mapa da Fome. Lula disse que os dados da FAO são "estranhos", ao apontar que o número de pessoas que passam fome no mundo "aumentou em mais de 152 milhões desde 2019". Em vez de na sede da FAO, em Roma, o lançamento do relatório anual da ONU ocorreu no Rio, paralelamente ao encontro ministerial que marcou o pré-lançamento da Aliança Global contra a Fome, uma das principais propostas do Brasil na presidência rotativa do G20. Lula conclamou os demais países a aderirem: — A fome não é uma coisa natural. Ela existe por decisão política. Hoje o mundo produz alimentos mais do que suficientes para erradicá-la — disse Lula. — Enquanto isso, os gastos com armamentos subiram 7,4% no último ano, chegando a US\$ 2,4 trilhões. O presidente ainda desta-

cou as desigualdades sociais que marcam a mazela: — A fome tem o rosto de uma mulher e a voz de uma criança. Mesmo que elas preparem a maioria das refeições e cultivem boa parte dos alimentos, mulheres e meninas são a maioria das pessoas em situação de fome no mundo. O ministro do Desenvolvimento Social, Wellington Dias, citou dados individualizados para cada ano, de 2022 e 2023, que não foram tratados no relatório anual da ONU, para marcar a diferença em relação ao governo Jair Bolsonaro. A situação da fome e da pobreza no país foi marcada, nesses anos, pelo aumento dos benefícios dos programas de transferência de renda. Em meados de 2022, o governo Bolsonaro elevou o valor mínimo do então Auxílio Brasil para R\$ 600 por mês, o que foi mantido na retomada do Bolsa Família, com o novo governo Lula, a partir de 2023. Segundo nota do Ministério do Desenvolvimento Social, a quantidade de brasileiros

em insegurança alimentar severa caiu de 17,2 milhões, em 2022, para 2,5 milhões no ano passado. Uma queda de 85%, ressaltou Dias.

Perguntado, depois da divulgação do relatório da ONU, por que mesmo com os valores recordes do Bolsa Família a situação não retornou aos níveis do triênio de 2014-2016, quando o país deixou o Mapa da Fome, o ministro criticou o governo anterior, por causa da extinção de outras políticas sociais e de mudanças nas regras do então Auxílio Brasil: — Não se trata só de dinheiro. Precisamos alcançar todas as pessoas, num país continental como o Brasil.

EM 2030, 580 MILHÕES

No plano global, o relatório anual da ONU mostrou uma situação praticamente estável após a forte piora verificada em meio à pandemia. O Brasil ajudou a melhorar os indicadores da América Latina e do Caribe, mas a fome continuou a crescer na África. Isoladamente em 2023, 733 milhões de pessoas (9,1% da população global) estavam na condição de subnutrição, 152 milhões a mais do que em 2019, antes de a Covid-19 se abater sobre o mundo.

Na África, onde uma em cada cinco pessoas passa fome, 19,9% da população (284 milhões) estavam na condição de subnutrição entre 2021 e 2023. No triênio de 2020-2022, eram 269 milhões de famintos.

Com isso, segundo o relatório, "o mundo ainda está distante" de atingir o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2 da ONU, de Fome Zero, a apenas seis anos do prazo estabelecido, 2030. Na apresentação do estudo, no Rio, o diretor-geral da FAO ressaltou que, nas projeções das entidades da ONU, em 2030 ainda haverá cerca de 580 milhões de pessoas passando fome no mundo.

Qu Dongyu cobrou mais recursos financeiros para erradicar a fome:

— É muito importante reconhecer a nova realidade e entender que os desafios são globais, assim como os riscos e as incertezas que temos. Precisamos estar prontos e misturar os recursos financeiros de uma maneira colaborativa. Sem o setor privado, não conseguiremos atingir isso.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 17